

79

N. 181

VI/9ERE

Para o dia 23 de julho de 1861, pe-
las 11 horas da manhã.

Presidente - Ill.^{mo} Sr. Dr. Francisco Vello-
so da Silva.

Apresentes.

Seguintes.

- Caetano Pinto de Almeida.
- Manoel Maria da Costa & C^a
- Dr. Antonio Ferr. de Alencar
do Pinto.
- Dr. José Theodorico Aguiar
e Gouveia Osorio.

Vista 1
D. Vellozo da Cruz

Em geral: nas grandes operações cirurgicas
deve provocar-se previamente a anesthesia

These:

apresentada à Escola Medico-cirurgica

de

Porto:

pelo alumno da mesma

Arnaldo Augusto Barbosa Soares Rodrigues Ferreira

1860-1861.

VI/9 ENC

Ào Dignissimo Presidente

e ao

Illustrado Jury

implora protecção

Arnaldo Augusto Barbosa Soares Rodrigues Ferreira

2

A sua Tia

a

Ex.^{ma} Senn.^a D. Anna Margarida Loures da Silva Tapa,

em signal de reconhecimento e respeito,

offerece

o autor

Ce n'est point un dogme nouveau,
ce n'est point un système imaginaire,
c'est un sentiment, dont plusieurs
grands hommes ont connu la vérité,
et dont ils ont laissé des témoi-
gnages dans leurs écrits.

Fribourg

Introdução

O assumpto, que escolhemos para nos servir de prova final nos nossos trabalhos escolares, não estava talhado para nós; nem o nosso cabedal scientifico, nem a nossa acanhada intelligencia, nem mesmo as ideas, que podemos beber nos livros dos diversos autores, que consultamos, eram sufficientes para chegar á conclusão, que pretendemos, nem que deixemos muito a desejar. Não foi o intuito de sobrecarregar, nem o desejo de tratar um pretexto tão difficil que nos fôrmos; foi sim o terror, que temos á dor; as graves consequências, que ella pôde occasionar; o crecido numero de vezes, que temos visto provocar a anesthesia e sempre com feliz successo; o prazer de vermos a facilidade, com que os doentes, se' com a idea de permanecerem insensiveis durante a operação, se sujeitam ás mais dolorosas; e o medo d'espírito, com que o operador, executa uma arriscada operação, sem se ver atormentado pelos gritos do enfermo, que purgem o coração.

É uma verdade, quem attenção bem ás suas leituras, que exper-
rimenta o operário no decurso d'uma operação sangüinolenta,
dolorosa e prolongada; quem perca bem as fúrrimas consequen-
cias, que a esta consiga o esgotamento da sensibilidade,
motivado pela dor, exacerbada tanto mais, quanto a moral
do indivíduo é mais impressionavel, não pôde resistir ao
impulso humanitário, nem menos prezar a necessidade
de investigar o malio proprio para obviar a taes incon-
venientes; para remover uma dos principaes obstáculos
ao bom exito das operações; para conseguir, enfim, remo-
ver uma dos principaes obstáculos, digo, para conseguir, en-
fim, que a medicina operatoria, ramo das sciencias me-
dicas cujas virtudes são patentes aos olhos de todos,
possa intervir quando convier, sem que se lhe op-
ponha a vontade dos doentes, barreira tantas vezes in-
venivel. Alguns d'elles preferem soffrir eternamen-
te ou mesmo perder a vida, a sujeitarem a uma opera-
ção, alias bem pouco dolorosa, só pelo terror, que lhes

inante a idea das dores por que vamma passar. Hoje, felizmente, todos os obstaculos, que a dor podia trazer ás operações cirurgicas, já não existem; este problema, cujo relaxão ha tantos annos se buscava, está definitivamente resolvido; a facilidade, que certos agentes permittam, de fazer com que os doentes se conservem insensíveis durante uma operação a mais dolorosa, é inquestionavel; porém o que ainda se contesta = o que alguns não quer ainda conceder = é que os agentes anestheticsos sejam de grande utilidade em medicina operatoria; pelo contrario, pretendendo que do seu uso ha verã mais que necessario. Mas, e misto nome d'acordo com a maioria das autoridades medicas, pensamos que taes resistencias não tem fundamento; e é por isso que sustentamos a These, que de agora enunciamos:

Em geral: nas grandes operações cirurgicas, deve preceder-se previamente a anesthesia:

Qu'est-ce que la vie de l'homme, si
la mémoire des faits antérieurs ne
vient à propos remonter le présent
au passé?

Zimmermann.

A historia da sciencia deixa ver claramente que a
idea de evitar ~~ou~~ de modificar o dor durante as opera-
ções chirurgicas, tem sido assumpto d'ensaios e de me-
ditações dos praticos, e que esforços, mais ou menos fe-
lizs, foram tentados com esta idea nos principios e
pocas do desenvolvimento da arte chirurgica. Indi-
cações precizas a este respeito já se encontram nos
livros de Plinio, Dioscoride e Matthioli, que adminis-
travam aos seus doentes o extracto de raiz de man-
diagora quando precisavam fazer uma amputação,
praticar a cauterização ou qualquer outra operação

5
dolorosa, e assim conseguiriam ~~mitigar a parte da dor~~
modificar a dor. Alguns factos encontrados tambem na
historia da ciencia, provam que os medicos da China ti-
nham conhecimento de certas plantas, com que pretendi-
am obter o mesmo resultado; o linho cariamo, muito recom-
mendado por Moatho, nesta mesma caso. D'então
até os nossos dias tem continuado os estudos concer-
nentes ao mesmo fim, trabalhando todavia com mais
ou menos fervor e enthusiasmo conforme as ideias e co-
nhecimentos da sua epoca.

Para não expor aqui summari-
amente os diversos processos e meios, que tem sido lem-
brados para conseguir subtrahir os infelizes á dor, que os
atormenta durante as operações, por que não se nos seria
muito difficil ou talvez impossivel, mas por que tal
descripção nos levaria muito longe e sem interesse
algun, contenta-mos-nos em dizer que todos esses

(1) os que designam bruto a tão relevante serviço á humanidade,

meios, destinados a entorpecer a sensibilidade, ou exerciam
a sua acção no proprio lugar, e que eram applicados, ou
então modificavam o estado geral do individuo, actu-
ando sobre o organismo inteiro, de maneira que o im-
possibilitavam de sentir ou de manifestar a dor, qu-
ando se sujeitasse ás curas, que, no estado ordinario,
a determinavam. Applicações emollientes, calmantes e
narcoticas; a compressão e o gelo picado obravam do pri-
meiro modo; as bebidas alcoholicas, o opio, a cuinta, do se-
gundo.

O somno magnetico tem sido tambem aproveitado
como anesthetico geral para praticar algumas operações,
sem que os doentes tenham consciencia dellas; e' pelo me-
nos o que alguns factos, que apparecem escriptos, parecem
confirmar. Assim os senrs. Eloquet e Chapelain, fa-
zera mention da extirpação d'um cancro mamario; o
senr. Tophan e Ward dizem ter praticado uma
amputação da coxa, e desarticulado os dois ultimos de.

dor da mão esquerda a uma mulher, que tinha as
 phalanges memoradas e os ossos do metacarpo em parte
 comprometidos. Finalmente o doutor Leydel de El-
 bourg, annunciou em differentes jornaes muitas ope-
 rações, praticadas por elle, sob a influencia do magnetis-
 mo e, como aquelles, anestesias, invocando em seu abono
 numerosas testemunhas, que uma perfeita insensibi-
 lidade lhe permitto terminar qualquer dellas, sem que
 os operandos dessem o menor signal de dor. Ha quem
 diga que na India inglesa tambem se tem tirado um
 partido, realmente vantajoso, do magnetismo para exe-
 cutar, ~~em~~ sua custa e ao abrigo da dor, graves operações.

Todos estes factos podem, é verdade, contar-se
 como outros tantos prodigios d'interesse; porém a
 impossibilidade de os reitara é contar, a contingencia ca-
 prichosa dos phenomenos magneticos, a possibilidade de
 simular a insensibilidade, a introdução do charlatanismo

que achava nestes mysteriosos phenomenos a causa da credulidade do povo; tudo isto compromettera o partido do magno tirano de tal sorte que, apesar das asserções feitas por observadores dignos de todo o credito, a sciencia, severa e justa em aceitar só as verdades, não tem podido registrar nos seus archivos factos magneticos como realmente demonstrados; mesmo estes, que ha pouco citamos, embora, lidos nos seus autores, possuam todos os caracteres ou apparencias d'authenticidade, não são sufficientes para dissipar toda a incertezã; de forma que a cirurgia pouco ou nenhuma proveito tem podido tirar d'esta therapeutica mysteriosa em suas formas, incerta ou inconstante nos seus resultados.

Todos estes e muitos outros meios, empregados anteriormente como prophylacticos da dor, iam, quasi á medida que se descobriam, sendo abandonados por perigosos e por incertos nos seus effeitos. C. sag.

(1) um. thesouro mais para esgotar x

4

2

stados apparentemente todos os recursos da arte, eram já pro-
cos os que trabalhavam para alcançar a victoria de tão dese-
jada descoberta, e alguns até chegaram a descer da possi-
bilidade de a conseguir, como nos parece deprehender-se das
seguintes palavras escriptas pelo Senr Pélpeau em 1833
na sua = Medecina operatoria: « Evitar a dor nas
operações é um chimera, que não é permittido seguir ho-
je. Instrumento cortante e dor são duas palavras,
que se não apresentam ao espirito dos doentes uma
sem a outra e cujo annuiação é preciso necessariamente
admittir » Depois da descoberta do ether e do chlo-
reformio, já o Senr Pélpeau não pensava do mes-
mo modo, as suas ideas adquiriram um caracter
inteiramente differente, e ainda hoje se conserva
sendo uma das illustres authoridades, que temos a
satisfação de ver comprehendida no grande nume-
ro, das que bem dizem estes dois heroicos agentes
Origeroso conhecimento das

propriedades anesthênicas do ether e do chloroformio, sua applicação ás manipulações cirurgicas, vieram provar a realisação do programa e mostrar que um novo caminho se abriu para bem da humanidade.

O chloroformio e o ether sendo, como é verdade, os dois únicos agentes anesthênicos mais estudados, e que melhor conceito merecem, qual deveremos preferir na pratica? Esta é uma reflexão, que muito naturalmente ocorreria ao espirito de quem se deesse ao trabalho e quizesse gastar alguns momentos com a leitura deste escripto: por isso não o podemos deixar passar despercebido; por isso que seja dizeamos alguma coisa a seu respeito.

A opinião da maioria dos praticos

está a favor do chloroformio, conservando-se apenas um
 pequeno numero ainda de partidarios do ether talvez
 só pelos bons resultados, que tiraram de seu uso, quan-
 do ainda aquelle era desconhecido. Diremos que os apo-
 logistas do ether só por gratificação se lhe conservam fi-
 eis, e com razão pensamos nós, pois, por qualquer la-
 do que os comparemos, vemos o chloroformio sobre-
 sahir, e tanto isto é verdade, quanto é certo que
 os seus proprios inimigos o reconhecem. Os ad-
 versarios do chloroformio são obrigados a confessar
 que este agente tem um cheiro e sabor mais a-
 gradaveis do que o ether; que, por ser menos vol-
 atil, pôde conservar-se melhor; que, para conseguir
 os effeitos anesthetics, não é preciso gastar tanto tem-
 po, nem tambem gastar tanto chloroformio como ether;
 que a sua acção é geralmente mais dura dura,
 que, finalmente, não é necessario haver um
 appparelho especial para ser administrado.

Algumas gotas de chloroformio, que pouco a pouco, vamos lançando em um lenço ou papel convenientemente dobrado e approximado das aberturas respiratorias, bastam ordinariamente para em dois ou tres minutos produzir o effecto desejado; em quanto que o ether não dispensa appparelhos proprios, e que, prando mesmo de parte o seu grão de perfeição, nem sempre podem estar ao nosso alcance. Com vista de todas estas vantagens, que parecem tão manifestas, em que bomam os defensores do ether a sua opinião? Adivinai a actividade do chloroformio? dizem os que pretendem estabelecer a superioridade do ether, é exactamente o que deve fazel-o rejeitar, por que, por assim dizer, precipita os seus resultados, e determina a morte, sem que tenhamos tempo de nos prevenirmos contra tão terrivel accidente. Estes receios nem sam exagerados, é esta a opinião mais geral e a que sem a menor difficuldade abrangamos

(1) e a excessiva rapidez com que produce o seu effecto

por nos ser confirmada pela experientia tantas vezes repe-
 tida á nossa vista. Durante os nossos tres annos de
 clinica cirurgica temos assistido a chloroformisação indi-
 viduos de sexes, idade, temperamento e constituição bem
 differentes, sem que tenhamos tido o menor desgosto a
 lamentar. Em clinica de partos já vimos repe-
 tir tambem a chloroformisação por varias vezes, e com
 que satisfação vimos como um parto, impossivel pe-
 las forças naturaes, se prestou aos meos da arte,
 que, com toda a facilidade, preenchem um phenomeno
 mesmo apparenentemente impossivel, sem que a partu-
 riente desse o menor indicio de dôr! - Graças ao chlo-
 reformio! E, mais ainda, sem que sobrevenha conse-
 quencias gravissimas, como era d'esperar depois d'um
 parto forçado e precedido d'um longo e laborioso tra-
 balho, o que em alguns casos teve, uma vez que
 se veem sobrevir aos partos regulares!...

Gracias ainda ao chloroformio, que, modificando a vida, adormecendo, se podemos dizer assim; os órgãos, não os deixou despertar do mesmo modo, reagiu com a mesma energia, como aconteceria se as manipulações não fossem feitas sob a sua influencia.

Porém, é de dever confessar-l-o, graças também ao dignissimo Professor de Clinica de partos pela agili-
dade e destreza, com que executou as precisas manobras, alias as consequencias seriam outras, por que, é bem claro, o chloroformio não podia ter tanta virtude.

Não queremos dizer, contudo, que o chloro-

3

formio não destituam o ether. Não; por que todos devemos reconhecer que, em therapeutica, é raro uma mesma substancia apresentar uma efficacia absoluta, e curar em todos os casos que a reclamem. O medico vê-se muitas vezes obrigado a substituir-lhe os equivalentes ou os succedaneos. O chloroformio não pôde evadir-se a esta lei; e para nos convencerarmos d'isto, basta attender aos seguintes factos. Tem-se visto individuos, amestados alternadamente pelo chloroformio e pelo ether, declararem que lhes foi mais facil sujeitar-se a influencia do primeiro; e tem-se visto outros repugnar ~~lhes~~ de tal modo o sabor a doçado do chloroformio, que o não poderam ~~suportar~~ su-
portar; em quanto que, expostos a acção do ether, pu-
mover-se-lhes o estado anesthetico sem grande
difficuldade.

Como corollario do que acabamos de dizer, deduz-se
que evidentemente o chloroformio deve ser preferido
ao ether; porque que este ultimo agente, mesmo como
anesthetico geral, não deve ser completamente aban-
donado.

Porém de parte todas as considerações, que ainda podiam
ser feitas relativamente ao ligeiro parallelismo que
acabamos d'establiher entre o chloroformio e o ether,
para, ligando-nos mais ao nosso assumpto, mostrar-
mos quanto a descoberta dos agentes anestheticos veio
augmentar o valor da medicina operatoria. Mas
antes disso, como obtem os agentes anestheticos? ~~Apre-~~
sentam os phenomenos, mostram só os factos, sem dar
a razão d'elles, não sei o que fica a desgar: e nos-
so espirito não se julga plenamente satisfeito:
por isso, em poucas palavras, diremos qual o nos-
so modo de pensar a tal respeito.

A acção do ether, do chloroformio e dos diversos agentes
 anesthetics é uma acção primitivamente dynamic.
 Elle impressiona as forças proprias da vida, como
 uma sensação impressiona a alma, e da alteração des-
 tas forças é que tudo devemos fazer depender. Nada pre-
 va melhor a natureza dynamic da acção dos agentes anesthe-
 ticos, do que a supressão subita e completa da in-
 telligencia, da sensibilidade e da maior parte das
 manifestações vitaes; do que esta fugacidade d'acção,
 que repugna com a idea d'alteração material em
 harmonia com a gravidade dos effectos. Uma lesão or-
 gânica precisa de certo tempo para se produzir e
 para se debanecer, o que não acontece quando se faz
 uso dos agentes anesthetics; aqui a rápida desor-
 denação da ordem das funções não está em
 harmonia com a gravidade das perturbacões,
 que se observam. Se sobrevem a morte, a causa

material escapa ao observador. Sua conclusão impor-
tante, com effecto, pôde deduzir-se das alterações assignaladas
pelas autopsias? Mas nem sempre constantes, nem dei-
xam nos órgãos vestígios indeléveis, que possam dar
a razão da morte e, os que se encontram, o mais das
vezes, pertencem a asphyxia, que não se pressuman-
bem, mais do que um accidente do estado de que se trata.

O ether, o chloroformio e todos os agentes anesthe-
ticos possuem, pois, um modo proprio d'atuar sobre o
corpo vivo, que partilha da energia do medicamento e da
subtilidade do venereo; e ao estado que d'ahi resulta
é que o Sr. Robinson chama = etherização = « Apalava-
mento etherico », diz o mesmo autor, deve ser considerada como
synonimo d'uma intoxicação particular hostil à vida, quan-
do o desenvolvimento dos seus effectos é completo, mas que ap-
parece um recurso inappreciavel á pratica da arte, quan-

do os seus effectos não contidos nos limites convenientes". No grão em que a etherização entra felizmente no dominio da therapeutica, a sua influencia sobre o corpo vivo, manifesta-se pela suspensão temporaria da maior parte das faculdades animaes, especialmente pela perda da intelligencia, da sensibilidade e da vontade, e pelo enfraquecimento da vida vegetativa. Com quanto dura esta ligeira modificação do ser organizado, as forças vitais são opprimidas, e reduzidas a uma existencia virtual; mas em breve tempo, o seu imperio renasce, e nada recorda ^{no organismo.} este eclipse passageiro das potencias, que o animam.

Obtemos a morte offuscada, unipolarmos a morte propriamente dita:

La torture interroge, et la douleur répond.

Não ha quem deise de ter sentido uma dor ocasionada por uma causa traumática; porém nem todos têm experimentado, as que soffrem os infelizes e perseguidos; nestes a dor é mil vezes mais acirba, por que muito d'antemão a esperam; desde que se lhes annuncia que terão de ser operados, começa a sentir o golpe do ferro, que lhes ha-de retalhar os tecidos. O seu espirito abalado pelos continuos debates entre o desejo de se verem a salvo da enfermidade, que os ameaça, e o terror que lhes insinua a idea dos ~~suavizantes~~ ^{suavizantes}, por que vão passar, colloca-os em um estado de prostração, que não é facil descrever-se; e como lhes foge, o appetite extingue-se, as forças debilitam-se, o arrefecimento, a palidez e todos os phe-

momentos, que annunciavam a concentração dos actos vitaes, mechem as vezes a ponto de periclar em risco a propria vida. É poderosa a influencia, que o moral exerce sobre o physico; d'esta verdade ninguém duvida; por que, sendo confirmada pelos factos, de factos d'esta ordem estão os livros cheios.

Nos mesmos temos occasião d'observar um caso sob esta relação digno d'algunha importancia, e que porim em seguida enunciamos:

É um rapaz, que tinha um abcesso subcutaneo na parte superior e externa do terço medio do braço direito, e que não queria de modo algum deixal-o languescer; levado, porém, por meios maiores, mostrando-se-lhe que a operação era não só innocente, mas pouco dolorosa, pôde conseguir-se convence-lo a que consentisse; pois ainda assim, pernas, braços, todo o corpo estava em uma completa convulsão; a face estava pr-

lida, cadaverica, e um suor frio the cubria a fronte.
era, como costumava dizer-se, um perfeito defuncto. Se
nem todos os individuos saem d'esta susceptibilidade ou
perilaminidade, ninguem podera' duvidar ou negar,
contudo, que a idea propria do ^{do}companheira insepa-
ravel das operações chirurgicas, ha. de consorcer para
collocar o maior numero dos operandos em condições
bem pouco favoraveis ao bom exito da operaçao.

Como se deprehende do que levamos dito,
a dor chirurgica differre consideravelmente da dor traumatica
pelas disposições individuais, porem muito mais se dis-
tingue d'ella pela sua duracao. A dor traumatica, ou
mesmo a que e' determinada por uma inflammacao
ou por diversas outras moléstias organicas, represen-
ta periodos de diminuição ou intermittencias, que a su-
peram supportavel. A dor chirurgica não tem limites

em um estado de maior agudez durante toda a operação; ella varia conforme a sensibilidade especial dos tecidos que forem divididos, desde a pelle e cordões nervo-
 sos, que são os órgãos mais sensíveis, até aos órgãos fibrosos e ossos, cuja sensibilidade é obtusa; porém todas estas variedades se combinam por tal forma, de-
 terminam impressões tão penhoras que occasionam ao doente uma sensação indefinivel, e perturbam extremamente o organismo inteiro. Adão ainda os vres adquire mais intensidade pelo augmento de sensibilidade occasionado pela propria molestia; circumstan-
 cias insolitas podem concorrer a prolongar a duração ordinaria da operação: enfim tudo contribue para collocar o doente em um estado de prostração muito semelhante á syncope. Foi talvez o que fez dizer o Sr. Dupuytren = a dor mata como a hemorragia.

Ho quadro que acabamos de

traças dos soffrimentos, que atormentam os doentes du-
rante uma grande operação, podem seguir-se com
sequencias bem funestas, taes como, spasmos lo-
caes e sympathicos, convulsões, delirio traumatico, etc.
ou, stupor e enfim a morte. Se tantos e taes são
os inconvenientes á dor cirurgica, malgustamos mu-
cho, apenas ao receio della, quem porá em duvi-
da a proficuidade d'um meio, que obsta a todos
estes inconvenientes? Dizer, como Mojano, que
a dor é util, é confessar que a medicina é inu-
til. Os Philosophos, que sustentam que a dor
é um bem, deviam ser submettidos á prova,
como muito bem diz o Sr. Bonisson.

Se os agentes anesthesicos forem completa-
mente innocentes, ou se existirem indicações

bem definidas, que nos dizemem, sequer, os casos
 em que, fazendo uso d'elles, haviamos de ser mal suc-
 cedidos, a these que enunciarmos seria um axioma,
 de que ninguem duvidaria; porem e' o que realmen-
 te, não acontece. O chloroformio e' um agente
 monarvithoso pelos servicos, que presta á humanida-
 de; e terrivel, como o deve ser todo o agente, que le-
 ve ao organismo uma perturbação tal, qual e' mister
 para o constituir em um estado d'insensibilidade
 absoluta. Não e' só a razão, que induz a estas conse-
 quencias, alguns casos de morte, seguidos á applicação
 do chloroformio, tem sido attribuidos á esta substancia,
 e e' o que tem posto muitos praticos de reserva con-
 tra a sua applicação.

Felizmente esses casos, comparados com os milha-
 res d'elles, em que o chloroformio tem presta-
 do beneficios servicos, não são muitos. Le-se na G.

gaza Medica do Porto: no 2º numero = A Gazeta Medica
de Lisboa dá noticia d'um caso de morte conse-
cutiva á applicação do chloroformio, o primeiro a-
contecido em Portugal; e d'esse, de que as outras nações
fazem menção, muitos tem sido postos em duvida
por autores respeitaveis. Por certo a anatomia pa-
thologica não nos revela uma unica lesão caracte-
ristica, que possa ignorar-nos de toda a duvida.
Supposto, mesmo, que os agentes anesthetics tives-
sem dado lugar a consequencias funestas, que sem
a sua applicação se podessem evitar, não deveria
isso levar-nos senão a uma analyse minucio-
sa a respeito da sua pureza com especialidade; a
preparar bem as circumstancias individuais, que
contraindicaem o seu emprego, e, ainda assim, a
a comminhar por tentativas e com toda a circumspec-
ção: se assim fizessemos, talvez não tivéssemos um caso

unlike a lamentar. Demais se um accidente funes-
to houvesse d'importar a procriação do agente que
o produzisse, já não havia cirurgia nem medici-
na. Bem raro nos tem custado a aperfeiçoamen-
to, a que chegaram os processos operatorios, e os di-
versos ~~systemas~~ therapeuticos! que victimas! e ape-
sar disso, o medico-cirurgião ainda não deram um
no estudo da divina sciencia. Tanto em mede-
cina, como em cirurgia, não ha certeza; o mai-
or numero de probabilidades guia o pratico po-
ra este ou para aquelle caminho, e se o chlorofo-
rmo raras vezes devesse deprehender a sua missão, de-
vermos concluir portanto, que a sua adopção é de to-
da a utilidade.

As considerações, que precedem, teriam apenas o va-
lor d'uma opinião, posto que fundada, se se exi-

perencia lhe não deu a fazer, que os factos te-
em em si proprio. As estatisticas, collidas com
toda a unidade e rigor por autoridades de toda a proci-
dade: em Inglaterra por Sympson, em Paris por Mal-
gambie, em Montpellier pelo Sr. Rouvier, entre
operados com e sem anesthesia previa, em cir-
cunstanças o mais identicas possivel, provam clara-
mente que a mortalidade geral nas grandes opera-
ções tem diminuido consideravelmente desde que
se fez uso dos anesthesicos. Comprehendo
que deicarmos isto, negar a proficuidade dos meios
anesthetics, seria fechar os olhos á luz da verdade
e da boa razão; seria entorpecer a sciencia, que pro-
gride paços agigantados para a perfeição.

Como termo ao novo babulho con-
tinuamos:

No estado actual dos conhecimentos medicos

podemos dizer que os agentes anesthetics devem ser
empregados, quando houver de praticar-se alguma o-
peração, que os reclama, com tanto que não haja con-
traindicação ao seu emprego; e lembramos que se po-
de dizer com o *Senr Edillat* = le chloroforme pure & bien
employé ne tue jamais.

Proposições

1.^a

Os bons resultados das operações feitas pelo esmagador de Etienne e Jannet parem prever a possibilidade de o empregar na cura dos aneurismas. = Operações

2.^a

A função da menstruação é um phenomenon dependente da evolução d'um or. mais ou menos. = *Physiologia*

3.^a

A hypersecreção da saliva, que se observa durante o tratamento mercurial, não é devida á acção directa do mercurio sobre as glandulas salivares. = *Materia medica*

4.^a

O caracter de chronicidade das doencas não se podem marcar só pela sua duração. = *Pathologia geral*

5.^a

Não existe signal algum, que nos faça conhecer a occasião, em que o mercurio tem neutralizado o virus syphilitico. = *Pathologia interna*

6.^a

Em obstrucção contracção e dor são dois phenomenos, cuja dependencia não é necessaria.